

Rafael Gioielli

Gerente de pesquisa
e desenvolvimento do
Instituto Votorantim



Luz no apagão

Muito tem se falado recentemente sobre o apagão de mão de obra na construção civil. De fato, há dificuldade para contratar profissionais na quantidade e com as características desejadas. E o alarde faz sentido. Empreendimentos importantes para o desenvolvimento do país já sofrem com cronogramas atrasados e planilhas de custos infladas, uma conta que, cedo ou tarde, recairá sobre toda a sociedade. E considerando o aumento da demanda para o setor com calendário de obras que temos pela frente — copa do mundo, jogos olímpicos, PAC, Minha Casa, Minha Vida, Pré-sal etc. —, podemos esperar que esta situação se agrave ainda mais. Mas ficar no escuro não traz solução. Para resolver o problema temos que acender a luz.

Frente a este cenário, o Instituto Votorantim e o Centro de Políticas Sociais da FGV se uniram para responder por que falta mão de obra na construção civil? Uma pesquisa, coordenada pelo prof. Marcelo Neri, será divulgada hoje em São Paulo, indicando que não é só o setor da construção civil que está contratando. Com o aquecimento da economia, aproxima-se a situação de pleno emprego. Segundo dados do IBGE, em 2010, o índice de desemprego no Brasil foi de 6,7%, quase a metade daquele registrado em 2003. Ou seja, com a disputa, sai na frente quem oferecer as melhores condições para os trabalhadores.

A falta de mão de obra para a construção civil se agrava especialmente pela baixa capacidade deste setor em atrair e reter pessoas. A renda média do trabalhador na construção é 14,7% menor do que a do conjunto da população economicamente ativa. Há ainda a vulnerabilidade aos ciclos econômicos. Ou seja, nos momentos de recessão, os salários caem mais rápido e tendem a subir de maneira mais acelerada quando a demanda aquece. É por isso que mestres de obras mais experientes recebem salários maiores do que o dos próprios engenheiros. Por fim, há o problema da intensa rotatividade: 30% dos trabalhadores da construção estão empregados há menos de um ano, contra 23,6% no total de ocupados.

É preciso empregar mais tecnologia nos canteiros, aumentando a produtividade e tornando a opção mais atrativa aos jovens

O total de jovens empregados na construção civil é de 28%, inferior que os 31,1% de outros setores, e o nível de escolaridade é dois anos mais baixo. Com mais escolaridade, o jovem está optando por outros setores. Para reverter este quadro, três caminhos parecem os mais lógicos. Investir em programas de qualificação para compensar a baixa escolaridade e a pouca experiência do trabalhador. Além das iniciativas governamentais já anunciadas pelo Ministério do Trabalho no âmbito do Planseq (Plano Setorial de Qualificação), há inúmeras iniciativas realizadas por instituições da sociedade civil. O próprio Instituto Votorantim desenvolve o programa “Futuro em Nossas Mãos” e desde 2002 qualificou 8 mil jovens. Uma segunda ação necessária é valorizar os talentos, reduzindo a terceirização, melhorando salários e benefícios, garantindo maior estabilidade e oferecendo plano de carreira. Em terceiro lugar, é preciso empregar mais tecnologia nos canteiros, aumentando a produtividade e tornando a opção atrativa ao jovem que ingressa no mercado de trabalho. ■